



Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: avanços, recuos e contradições

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] : avanços, recuos e contradições / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-248-7 DOI 10.22533/at.ed.487201008</p> <p>1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta através do e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, recuos e contradições” pesquisas que contemplam debates bastante relevantes, considerando-se a importância da pesquisa para reconhecimento e registro dos impactos das consequências das contradições postas no atual contexto nacional.

O e-book é composto por vinte e dois artigos, com temáticas relacionadas principalmente a três eixos: Empreendedorismo e gestão empresarial; Cidadania e políticas públicas e Estratégias relacionadas a resolução de conflitos e processos judiciais.

No eixo que se refere ao empreendedorismo e gestão empresarial, os estudos são tratados a partir da análise do processo de planejamento, gestão de pessoas, estratégias competitivas, sustentabilidade e possíveis impactos diante da diminuição do apoio do poder público no que se refere a áreas de desenvolvimento.

As pesquisas que se relacionam com a temática cidadania e políticas públicas são contempladas a partir de um mapeamento de estudos que se referem aos processos de exclusão social nos programas de pós graduação, impactos nas políticas públicas diante das mudanças dos processos de gestão e formas de atuação estatal, a comunicação como estratégia para democratização e visibilidade dos direitos, questões de gênero, patrimônio histórico e habitação.

As mudanças que vem ocorrendo na forma de atuação do sistema judiciário ganham visibilidade nas pesquisas publicadas, ao apresentarem como objeto de análise a conciliação, a resolução de conflitos, a auto confrontação e a justiça restaurativa.

Esperamos que o e-book possa contribuir com o compartilhamento das pesquisas realizadas, fortalecimento da ciência como instrumento de democratização do conhecimento, bem como, que favoreça a realização de novos estudos para desvelamento dos avanços, recuos e contradições postos no cotidiano da vida em sociedade.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BRASILEIRA EMPREENDEDORA DO SÉCULO XXI: O PERFIL, MOTIVAÇÕES E DESAFIOS	
Francisco Antônio Gonçalves de Carvalho Wesley Fernandes Araújo Neila Pio de Moraes Stênio Lima Rodrigues José Janielson da Silva Sousa Luzia Rodrigues de Macedo Neilany Araujo de Sousa Ana Maria Soares de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.4872010081	
CAPÍTULO 2	14
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DE MARKETING NO EMPREENDEDORISMO: UMA ANÁLISE DA INCUBADORA MACKENZIE	
Matheus de Souza Silva Roberto Gondo Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4872010082	
CAPÍTULO 3	30
A INFLUÊNCIA DA LIQUIDEZ E DO ENDIVIDAMENTO NA MARGEM EBIT DAS EMPRESAS BRASILEIRAS DE CAPITAL ABERTO	
Jose Matias Filho Caio Yudi Kunii	
DOI 10.22533/at.ed.4872010083	
CAPÍTULO 4	43
GESTÃO DE PESSOAS EM PROJETOS NO WALT DISNEY WORLD	
Beatriz Dantas Marques Virgínia do Socorro Motta Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.4872010084	
CAPÍTULO 5	55
MODELO SEE-NOW, BUY-NOW COMO ESTRATÉGIA COMPETITIVA DENTRO DA MODALIDADE FAST-FASHION NA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL	
Liliane Melo de Lima Ana Lúcia Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4872010085	
CAPÍTULO 6	65
EVENTOS E SUSTENTABILIDADE: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES	
Felipe de Oliveira Silva Maria Carolina Bucco Mirian Teresinha Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.4872010086	
CAPÍTULO 7	76
O IMPACTO DA REDUÇÃO DE APOIO DO GOVERNO NO PROCESSO DE APRENDIZADO E INOVAÇÃO NO APL DE ARTESANATO DE PALHA EM MASSAPÉ - CE	
Luis André Aragão Frota Anne Graça de Sousa Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.4872010087	

CAPÍTULO 8	95
A EXCLUSÃO SOCIAL E SUAS INTERFACES TEMÁTICAS: MAPEAMENTO DE TESES (2015 – 2017)	
Deborah Yoshie Arima Arlinda Cantero Dorsa	
DOI 10.22533/at.ed.4872010088	
CAPÍTULO 9	107
DO PROGRAMA DE BRAÇOS ABERTOS AO PROGRAMA REDENÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS NA CRACOLÂNDIA NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Alessandra Medeiros Viviane de Paula Geovane Borges da Silva Leonardo dos Santos Lindolfo	
DOI 10.22533/at.ed.4872010089	
CAPÍTULO 10	119
O PODER DO RÁDIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE DIVULGAÇÃO DO DIREITO E ACOMPANHAMENTO DAS MUDANÇAS SOCIAIS	
Luiz Jeha Pecci de Oliveira José Manfroi	
DOI 10.22533/at.ed.48720100810	
CAPÍTULO 11	131
RELEVÂNCIA DAS VARIÁVEIS LATENTES EM CIÊNCIAS SOCIAIS: UMA DISCUSSÃO NO ÂMBITO DA ANÁLISE FATORIAL E DA MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100811	
CAPÍTULO 12	145
SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA	
Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa Adir Luiz Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100812	
CAPÍTULO 13	157
HABITAÇÃO RIBEIRINHA EM MANACAPURU: ESTUDO DAS VEDAÇÕES DOS ENCAIXES POR PROTOTIPAGEM RÁPIDA	
Ana Carolina Sevzatian Terzian Célia Regina Moretti Meirelles	
DOI 10.22533/at.ed.48720100813	
CAPÍTULO 14	171
A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: O CASO DO ESPAÇO HAROLDO DE CAMPOS DE POESIA E LITERATURA (SP)	
Letícia Cassiano dos Santos Juliana Maria Vaz Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.48720100814	
CAPÍTULO 15	184
ANDROID-GYNE: PERFORMANCE, GÊNERO E LIMINARIDADE	
Ana Beatriz Barreira Leite Romário Cosme da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.48720100815	

CAPÍTULO 16	192
BANCA PERMANENTE DE CONCILIAÇÃO: INSTRUMENTO PARA PREVENIR E COMPOR CONFLITOS JUDICIAIS E OS REFLEXOS PÓS-COVID-19	
Tatiane Oliveira Martins	
Jéssica Daiane Filgueiras Sampaio	
Joseline Mangabeira da Silva	
Alexandre Ernesto de Almeida Pereira	
Liliane Vieira Martins Leal	
DOI 10.22533/at.ed.48720100816	
CAPÍTULO 17	204
ESTUDO SOBRE ASPECTOS DA FORMAÇÃO E DO PAPEL DO INTERVENIENTE NA CLÍNICA DA ATIVIDADE: EM SITUAÇÃO DE AUTOCONFRONTAÇÃO	
Dalvane Althaus	
DOI 10.22533/at.ed.48720100817	
CAPÍTULO 18	222
JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO CAMPO DE PRATICAS SOCIOEDUCATIVAS	
Stella Maris Flores Cucatti	
DOI 10.22533/at.ed.48720100818	
CAPÍTULO 19	233
ENTRE “MORTADELAS” E “COXINHAS”: O DISCURSO POLÍTICO DOS YOUTUBERS BRASILEIROS	
Amanda Cristine Zanoto Fouani	
DOI 10.22533/at.ed.48720100819	
CAPÍTULO 20	243
MARIA JOSÉ BEZERRA DE ARAÚJO: UMA HISTÓRIA DE VIDA	
Stephanie Jully Santos de Oliveira	
Michelle Marques Manhães	
Rayssa da Cruz Ramos Silva	
Priscila da Silva Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.48720100820	
CAPÍTULO 21	253
AVALIAÇÃO DO GRAU DE EMPREENDEDORISMO DE EMPREENDEDORES DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM	
Daiane Oliveira Medeiros	
Ana Flávia Monteiro Diógenes	
Paula Maria Pedrosa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100821	
CAPÍTULO 22	263
ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA CESTA BÁSICA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM	
Daiane Oliveira Medeiros	
Ana Flávia Monteiro Diógenes	
Renan Gonçalves Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.48720100822	
SOBRE A ORGANIZADORA	273
ÍNDICE REMISSIVO	274

ESTUDO SOBRE ASPECTOS DA FORMAÇÃO E DO PAPEL DO INTERVENIENTE NA CLÍNICA DA ATIVIDADE: EM SITUAÇÃO DE AUTOCONFRONTAÇÃO

Data de aceite: 30/07/2020

Data de submissão: 20/05/2020

Dalvane Althaus

Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Departamento de Educação
Pato Branco – Paraná
orcid.org/0000-0002-2985-9287
lattes.cnpq.br/4812017870312183

RESUMO: Este texto traz alguns resultados de um estudo, que pesquisou a formação e o papel do interveniente em Clínica da Atividade (CA). A CA é uma abordagem teórica-metodológica que visa a transformação de situações de trabalho por meios indiretos. Neste trabalho será apresentado este estudo em sete seções que correspondem aos capítulos desenvolvidos na tese. No material estudado a pesquisadora examinou oito autoconfrontações em que uma interveniente em formação iniciou sua atuação observando outro interveniente e intervindo quando se sentia apta, e, foi, pouco a pouco, tornando-se a principal condutora de autoconfrontação e formadora de outra. Além disso, esse texto aprofunda questões sobre o “real da atividade” de interveniente, que foram

tratadas superficialmente na tese.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica da Atividade, autoconfrontação, formação do interveniente.

STUDY ON ASPECTS OF TRAINING AND
THE ROLE OF THE INTERVENING PARTY
IN THE ACTIVITY CLINIC: IN SITUATION OF
SELF-COMFRONTATION

ABSTRACT: The purpose of this of paper is to present some results of a study, which investigated the formation and the role of the intervenient in Clinical Activity (CA). AC is a theoretical-methodological approaching which aims to transform work situations through indirect means. In this work, the study is presented in seven sections which are related to the chapters developed in the thesis. In the material studied, the researcher evaluated eight self-confrontations in which one intervening trainee began her performance by observing another intervening and intervening when she felt fit, and, little by little, became the main conductor of self-confrontation and the formation of another. In addition, this text explores into questions about the “real activity” of the intervener, which were treated superficially in the thesis.

KEYWORDS: Clinic of Activity, self-

confrontation, training of the intervener.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho em pauta teve por objetivo “pesquisar aspectos do papel e da formação do interveniente em situação de autoconfrontação na Clínica da Atividade (CA), bem como sua inserção nesse *métier*” (ALTHAUS, 2019, p. 15)¹.

O interesse da pedagoga-pesquisadora deste trabalho, em estudar a formação e o papel do interveniente em CA, surgiu a partir de suas atividades com docentes do ensino superior. Inicialmente, com formação docente continuada, na posição de especialista na atividade que é dos professores. Essa postura, frequentemente, é criticada e rejeitada pelos professores por se distanciar da realidade do *métier* que é deles (ALTHAUS, 2013). Até que surgiu a oportunidade de transformar a atuação pedagógica por meio da CA, e, assim, passar para a atividade de organizadora do meio pedagógico para que o desenvolvimento de práticas docentes se realize com o protagonismo dos docentes (ALTHAUS, 2013; 2019). No item dois, apresentar-se-á mais informações sobre essa trajetória e suas implicações.

A CA foi criada na França por Yves Clot e seus colaboradores, principalmente Daniel Faïta, vinculada a Psicologia do Trabalho, e, de maneira geral, trata-se de uma abordagem teórica-metodológica que busca instigar e estudar mudanças nas situações de trabalho (CLOT, 2010). Para isso, desenvolveu dispositivos metodológicos, dentre eles a autoconfrontação. Este, parte do meio laboral e usa imagens consentidas do trabalhador em ação para, de modo geral, leva-lo a auto-observação e a tomada consciência de como age e de como pode realizar sua atividade de maneira diferente. Esse dispositivo é conduzido por um especialista em CA, denominado, nesta pesquisa, de interveniente (CLOT, 2010). Na CA francesa é utilizado o termo *interveniant*, que em português frequentemente é traduzido por interventor. Contudo, este termo traz uma ideia negativa. Por isso, na referida tese, após uma intensa investigação em dicionários brasileiros e franceses, optou-se pela tradução “interveniente” (ALTHAUS, 2019, p. 15). No item três, tratar-se-á mais especificamente da CA, suas origens, principais conceitos e procedimentos.

Praticar a CA envolve um complexo movimento psico-dialógico, que precisa ser aprendido pelo interveniente pela via de uma formação adequada. No item quatro, será abordado sobre o dispositivo de formação de interveniente, descrição dos dados e elementos de direcionamento para as análises.

No percurso da interveniente em formação (IF) estudada analisou-se alguns aspectos

1 O referido trabalho foi realizado com a orientação da Professora Doutora Luci Banks-Leite, no âmbito do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). E, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, por meio do Acordo CAPES/FA 13/2014.

sobre seus diferentes modos de atuação, sobre suas mudanças de uma sessão para outra, sobre seus acertos e deslizes, sobre os conhecimentos projetados em seu discurso e sobre suas semelhanças e diferenças com os intervenientes interlocutores, bem como o que fez de diferente deles. No item cinco, abordar-se-á sobre os principais resultados das análises.

Por fim, apresentar-se-á as considerações finais a que se chegou neste estudo sobre a formação e o papel do interveniente em situação de autoconfrontação na CA, bem como se trará um elemento novo sobre a análise do “real da atividade” do interveniente.

2 | TRAJETÓRIA E TENSÕES NO EXERCÍCIO DO CARGO DE PEDAGOGA

Esta seção, aborda a temática do primeiro capítulo da tese², o percurso e as tensões enfrentadas no exercício do cargo de pedagoga no ensino superior, que foi organizado em três partes (ALTHAUS, 2019, p. 19-29).

A primeira parte traz registros das experiências iniciais desta pedagoga em Colégios Estaduais do Paraná e, na sequência, em uma Universidade Federal. Na Educação Básica da Rede Estadual do Paraná, a pedagoga ingressou através de concurso público em 2006 e ficou no cargo por dois anos. No Estado, as atividades e atribuições do pedagogo são inúmeras, das quais destacam-se: “atividades de gestão e organização do espaço escolar [...] de formação docente continuada para professores [...] de orientação educacional” (ALTHAUS, 2019, p. 19-20). No Ensino Superior, o ingresso também se deu por concurso em 2006, com atuação até o momento. Porém, diferente dos Colégios Estaduais, na Universidade houve a indicação no termo de posse que a atividade de pedagoga seria voltada à “supervisão educacional”, bem como a orientação dos superiores hierárquicos se deu na direção da formação docente continuada.

Para compreender melhor tal condição, na segunda parte do capítulo um, apresentou-se os embasamentos e as implicações da função denominada “supervisão escolar”, com as respectivas tensões que envolvem essa atividade. A “supervisão escolar” era uma das habilitações dentre outras, tais como: orientação educacional, administração escolar, etc. Tal função é uma herança do curso de Pedagogia com habilitações, que esteve vigente de 1969 a 2006. Após esse período o Curso foi reconfigurado para formar um pedagogo que atenda todas as funções, tal qual o faz na Rede de Educação do Paraná (SANTOS, 2018).

Contudo, na ocasião do ingresso na Universidade ainda se vivia as expectativas das habilitações e, desse modo, o direcionamento para a função de “supervisão” e das atividades de formação docente continuada, com organização de cursos e palestras, coloca o pedagogo no papel de especialista na atividade do professor, especialista em “boas práticas”, o que gera muitas tensões na profissão porque usurpa o lugar do professor

2 O leitor que desejar informações mais abrangentes, tanto deste capítulo, quando dos próximos, poderá consultar a tese completa em http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/335042/1/Althaus_Dalvane_D.pdf

como protagonista do trabalho docente (CLOT, 2007; ALTHAUS, 2013; 2019; Santos, 2018). Na tentativa de superar o desgaste causado por esse posicionamento, buscou-se uma alternativa na concepção de “professor reflexivo” (SCHÖN, 1992), entretanto, não houve adesão dos professores.

Uma, terceira possibilidade surgiu com a oportunidade de conhecer e atuar com CA (ALTHAUS, 2013). Essa perspectiva se diferencia das anteriores, pois pressupõem promover o desenvolvimento de práticas docentes com o protagonismo dos professores enquanto especialista no que fazem, até mesmo em suas dificuldades (LIMA A, 2016a).

3 | CLÍNICA DA ATIVIDADE: ORIGEM E QUADRO TEÓRICO

Esta seção retrata um pouco o que é apresentado no capítulo dois da tese em questão (ALTHAUS, 2019, p. 30-52). Este foi tratado em duas partes. Na primeira, aborda as origens e filiações da CA, que se desenvolveu no final do Séc. XX, em três tópicos.

Um dos tópicos versa sobre a filiação da CA ao campo da Psicologia do Trabalho e a perspectiva clínica (CLOT, 2017). Desse modo, buscou-se contextualizar como o campo da Psicologia do Trabalho se constitui lutando por um espaço científico e priorizando a saúde dos trabalhadores (CONCEIÇÃO; ROSA; OSORIO, 2017). Por isso, deu-se atenção à perspectiva clínica, que leva em conta a relação entre subjetividade, saúde mental e trabalho, bem como a singularidade de cada caso e *in loco*. Portanto, não se volta para estatísticas e questionários fechados, a generalização só é possível com estudos que apontem traços em comum entre diferentes situações (CLOT; LEPLAT, 2005; ALTHAUS; BANKS-LEITE, 2017). Em CA, privilegia-se a *démarche* clínica, que, de modo geral, diz respeito a uma postura clínica em que o interveniente age por meio do diálogo que trava com o trabalhador, a fim de os apoiar na análise e na modificação de suas atividades (FAÏTA, 2017). No caso da CA, tem-se como “objetivo provocar transformações nas situações de trabalho, por meio do desenvolvimento do poder de agir dos profissionais porque cuidando do trabalho cuida-se também da saúde do trabalhador” (ALTHAUS, 2019, p. 30).

Outro tópico, é o fato de a CA ser uma das Clínicas do Trabalho (CTs). Para tanto, trouxe-se uma breve descrição de pontos em comum em torno dos quais elas se agregam e apontamentos dos diferenciais (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014). Nas CTs, de modo geral, pode-se afirmar que o interveniente:

não deve se colocar para os trabalhadores como um especialista que representa um conhecimento direcionado de maneira vertical [...] assume-se que o conhecimento se constrói na interação subjetiva dos sujeitos, clínico e trabalhador, em que cada um contribui com o seu saber (ALTHAUS, 2019, p. 36).

No terceiro tópico, considerou-se as origens da CA em psicopatologia do trabalho, da qual traz as preocupações com a saúde do trabalhador, e em ergonomia francófona,

de onde retêm a orientação da importância de que a análise da atividade seja de cada caso e com base no meio em que as situações ocorrem. Além disso, é também a partir da ergonomia francesa que, amparada em conceitos de “trabalho prescrito” e “trabalho realizado”, a CA cria o conceito de “real da atividade” (CLOT, 2010). Além disso, apontou-se algumas diferenças entre a CA e essas abordagens. No caso da ergonomia, esta propõem “compreender para transformar” e ao final da intervenção fazer recomendações aos gestores do que precisa mudar, enquanto que na CA é o inverso, pois se acredita que a compreensão só ocorre estudando o processo de transformação e que a mudança está vinculada ao desenvolvimento do poder de agir dos trabalhadores (CLOT, 2010). Em relação a psicopatologia do trabalho, a diferença está tanto nos embasamentos teóricos, quanto metodológicos; destaca-se que em psicodinâmica a observação é dispensável, o consenso é buscado e se acredita na normalidade, para a CA a observação é um instrumento para levar o trabalhador a se observar, o conflito é considerado fonte de regeneração do poder de agir e se busca a promoção da saúde, e não da normalidade (CLOT, 2017).

A segunda parte do capítulo dois é voltada para as principais especificidades teóricas-metodológicas da CA. Para isso, estruturou-se quatro itens. O item um, apresenta a CA como uma *démarche* clínica. Seu maior diferencial está na ancoragem vigotskiana de desenvolvimento humano e baktiniana de linguagem (CLOT, 2010), são nesses estudos que a CA encontra “a ideia-chave de que o social está nos sujeitos como energia vital e fonte de conflito, como o motor que impulsiona as transformações” (ALTHAUS, 2019, p. 38).

O item dois, abordou um importante conceito em CA, o “real da atividade”, que é a distância entre o “prescrito” – regras e regulamentos do trabalho – e a “atividade realizada” – aquilo que de fato se fez e que pode ser registrado. De maneira geral, são as infinitas possibilidades de se fazer algo, mas que no momento da ação só uma é possível de ser efetivada. As demais continuam existindo e agindo sobre os sujeitos, podendo, ao mesmo tempo, ser causa de adoecimento quando se desejaria fazer diferente do que se fez, ou de reestabelecimento do poder de agir quando o sujeito percebe que pode realizar sua atividade de outro modo, recriar-se (CLOT, 2010; 2011; LIMA M; BATISTA, 2016).

A redescoberta da atividade em outra possibilidade de realização caracteriza uma “tomada de consciência” do sujeito a partir da análise de sua atividade realizada. Em CA, a “tomada de consciência” é provocada e acessada por meio da linguagem, é um movimento psicológico, que indica um desenvolvimento subjetivo (ALTHAUS, 2019, p. 44).

O item três, referiu-se a outro conceito, de igual relevância, os “gêneros de atividade”, que são “tipos relativamente estáveis de atividades socialmente organizadas por um meio profissional” (CLOT, 2010, p. 124). Este foi desenvolvido com base no conceito de gêneros do discurso, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011,

p. 262). Nesse sentido, disponibiliza um repertório de modos de agir em determinado contexto com o mesmo alcance normativo que os gêneros do discurso ao disponibilizar tipos de enunciados. Ressalta-se que, tais gêneros têm dois lados: o relativo e o estável. A estabilidade, significa que não é preciso inventar as ações/enunciados toda vez que for utiliza-los. A relatividade, possibilita a recriação, a estilização (CLOT, 2010; LIMA A, 2016b). Saliencia-se que o “gênero de atividade” é composto por quatro dimensões: a transpessoal, como uma “senha” conhecida por quem deveras faz o trabalho e, portanto, não sendo de arbítrio de especialista “externo” à atividade do autoconfrontado; a impessoal, que é institucional; a interpessoal, que representa as relações interlocutivas com diferentes destinatários; e, a pessoal, que se refere ao modo como trabalhador se apropria e desenvolve o que é de conhecimento coletivo. Portanto, o gênero de atividade é um recurso para agir, pensar e falar de modo aceitável no trabalho e também fonte de revitalização. Em CA, a autoconfrontação é um dos dispositivos com poder de provocar a recriação do gênero (CLOT, 2010).

No item quatro, discorreu-se sobre questões gerais de procedimentos e de conceitos envolvidos no dispositivo metodológico de autoconfrontação. Cada edição é realizada com uma dupla de agentes da atividade, que no caso estudado, a princípio, foram de professores analisando a atividade docente e, mais tarde, de alunos, analisando a atividade discente, ambos da Educação Superior, em análises complementares uma a outra. Os procedimentos comportam três fases, com várias etapas cada.

A primeira fase antecede as autoconfrontações. Esta inicia com uma reunião solicitada pelo coletivo para disparar a busca pela solução de um problema, assim sendo uma dupla de trabalhadores se voluntaria para participar de procedimentos de filmagens em ação e em autoconfrontação. Em seguida, os intervenientes observam o trabalhador em atividade e iniciam com eles a problematização das questões a serem tratadas (CLOT, 2010).

“Nessa primeira fase dois aspectos destacam-se: 1) o coletivo é o ponto de partida da intervenção; e 2) a observação é instaurada como instrumento de desenvolvimento” (ALTHAUS, 2019, p. 48). A observação realizada pelos intervenientes – “interpsicológica”, social –, leva os sujeitos observados a se observarem – “intrapicológica”, da pessoa consigo mesma –, e com isso perceberem como estão realizando seus atos (VIGOTSKI, 2007; CLOT, 2010).

Na segunda fase ocorre as autoconfrontações. Para isso, os participantes são filmados em ação. Um trecho dessas imagens é escolhido para realização, primeiramente, da autoconfrontação simples (ACS), em que o sujeito se visualiza trabalhando e é convidado a explicar para os intervenientes – seus destinatários imediatos – o que aparece fazendo, e, com isso esclarecem para si mesmo – subdestinatário – bem como para os sobredinatários, que embora não estejam presentes fisicamente fazem parte do ofício e agem psicologicamente sobre o sujeito. Em seguida, o mesmo trecho é objeto da

autoconfrontação cruzada (ACC), momento que a dupla assiste e explica a atividade do outro, na presença dele, e são levados pelos intervenientes a discutirem sobre o trabalho (CLOT, 2010). A ACS e a ACC também são filmadas.

Com a filmagem da ação, espera-se que o sujeito amplie seu processo psicológico de auto-observação. Na ACS, o sujeito se torna um observador externo de si mesmo, ele tem acesso ao “excedente de visão” (BAKHTIN, 2011). Ao explicar seus atos para os intervenientes, a pessoa autoconfrontada se depara com o “difícil de dizer”, quando lhe faltam palavras para descrever seu trabalho, com a condução dos intervenientes se espera que ela supere isso e possa identificar o que poderia ter feito e não fez, o “real da atividade” (CLOT, 2010). Na ACC, cada um observa na ação do outro a sua própria, mas sem se reconhecer por completo. As diferenças de ponto de vista são exploradas pelos intervenientes, a fim de que uma controvérsia seja instaurada e assim cheguem a um terceiro ponto de vista mais amplo e possível de se propor uma solução para o problema inicial (CLOT, 2010). Esses momentos, embora aqui estejam sendo descritos brevemente, na prática são altamente complexos e difíceis de serem conduzidos porque o diálogo, que é a mola propulsora das transformações almejadas, não é predefinido antes, tal qual um questionário, as questões na autoconfrontação são feitas pelos intervenientes a partir do que os profissionais lhes dizem.

A terceira fase, após as autoconfrontações, envolve a elaboração de um vídeodocumentário das filmagens para realização de reunião de retorno ao coletivo, com a finalidade de compartilhar o material com os demais profissionais e junto com eles tomar decisões que visem a solução dos problemas levantados. A partir disso, novos rumos se abrem para que os trabalhadores se apropriem do dispositivo de se auto-observarem e para que os intervenientes realizarem pesquisas sobre os dados produzidos, a fim de contribuírem com a melhoria da CA.

4 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ASPECTOS PRAGMÁTICOS E CONCEITUAIS

Nesta seção, retrata-se o capítulo três da tese aqui apresentada, e como o título sugere foi trabalhado dois aspectos: pragmáticos e conceituais (ALTHAUS, 2019, p. 53-69).

Nas questões pragmáticas foi apresentado o contexto da pesquisa, objetivos, etapas e descrição dos dados³. A pesquisa trata, em especial, da formação do interveniente e, por conseguinte, sua inserção nesse *métier*. Uma afirmação que guiou a formação do sujeito pesquisado e também o estudo em si é a seguinte:

Ele [o interveniente] deve trabalhar com *instrumentos*, entre os quais os *conceitos* são tão importantes quanto o *coletivo de trabalho*, no qual ele pode colocar em discussão suas “maneiras de fazer”. Isso supõe *experiência*, “*métier*” (CLOT, 2008, p. 68, grifos em itálico e tradução da pesquisadora).

3 Os dados eram pré-existentes à realização desta pesquisa.

Diante disso e com base no conceito vigotskiano de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), – em que aquilo que não se consegue fazer sozinho em determinado momento é possível de ser realizado com a ajuda de outro até que se alcance a autonomia (VIGOTSKI, 2007) –, foi que se criou um dispositivo de formação de intervenientes na Clínica da Atividade Docente (CAD) e no Grupo de Pesquisa Linguagem, Atividade e Desenvolvimento Humano (GP LAD’Humano), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Pato Branco (UTFPR-PB). Neste dispositivo de formação, os instrumentos “conceituais” são objeto de ensino/aprendizagem/desenvolvimento com a interlocução dos membros do GP LAD’Humano e com atividades constantes de: leituras de textos do Clot e de outros pesquisadores da CA, bem como de Bakhtin e de Vigotski; análise de dados pré-existentes no grupo; realização de pesquisas acadêmicas sobre as intervenções realizadas; discussão com o GP sobre as intervenções em andamento e dos demais materiais de estudo. No que concerne aos instrumentos “experimentais”, estes são vivenciados pelo IF na CAD em três momentos: primeiro, observando e transcrevendo vídeos de sessões anteriores; segundo, observando e acompanhando um par mais experiente durante a realização da autoconfrontação; terceiro, realizando os procedimentos da CA como interveniente responsável pela condução dos procedimentos metodológicos e pela formação de outros.

Neste caso, em cada autoconfrontação, há uma dupla composta por IP [interveniente principal] e por interveniente auxiliar (IA), que está iniciando sua experiência nesse campo. Não se trata, porém, de uma rigorosa hierarquia de funções, mas sim da constituição de uma interlocução em que ambos intervêm. No curso das intervenções, o papel de IP é o de coordenar as autoconfrontações, ao mesmo tempo em que serve de apoio para a formação de IA. Esta, por sua vez, tem a oportunidade de observar a atuação de IP junto aos professores, podendo intervir em ocasiões que ela se sente encorajada para atuar (ALTHAUS, 2019, p. 54).

Cabe esclarecer que IF participa de todas as fases e etapas do dispositivo metodológico de autoconfrontação descritas no item anterior. Além disso, a intervenção também tem o real da atividade. Para acessá-lo, após cada etapa efetuada com os autoconfrontados, os intervenientes realizam uma análise do que fizeram, como fizeram e o que e como poderia ter sido diferente. Esses momentos não foram gravados em áudio ou vídeo, mas podem ser resgatados pelo contexto das intervenções analisadas.

Nesta pesquisa, elencou-se oito sessões de autoconfrontação para estudar como alguém se torna interveniente. Nas primeiras quatro, a IF participou das autoconfrontações como IA, mais observando e intervindo quando se sentia apta, tendo um par mais experiente como IP e, portanto, responsável pela condução da sessão e da formação dela. Nas demais, a interveniente estudada passou para a posição de principal condutora da autoconfrontação e formadora de outra. Os sujeitos autoconfrontados nas quatro primeiras sessões foram professores de uma Universidade Federal e, nas seguintes, alunos de alguns deles.

Salienta-se que na ocasião da constituição da CAD o professor-pesquisador Anselmo P. Lima, mais experiente em CA, realizou autoconfrontações com a participação da pedagoga da instituição e pesquisadora deste trabalho, que estava em processo de formação como interveniente. Posteriormente, ela passou a atuar na formação de outra interveniente, sujeito desta pesquisa. A IF desse estudo e a próxima eram alunas de iniciação científica, por isso não se dispuseram a intervir com professores do ensino superior e sugeriram fazer as autoconfrontações com alunos dos professores participantes, a fim de analisar a atividade discente de modo a complementar a análise da atividade dos docentes (ARIATI, 2018).

A segunda parte do capítulo três discorreu sobre o aparato teórico-metodológico que direcionou as análises. Primeiramente, sobre aspectos mais técnicos. Os dados produzidos durante as autoconfrontações foram gravados em áudio e vídeo, transcritos de acordo com as normas do Projeto de Estudos Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP) (PRETI, 2001)⁴ e analisados com base nos estudos da linguagem bakhtinianos (VOLÓCHINOV, 2017; LIMA A, 2016b; BAKHTIN, 2011), da psicologia histórico-cultural (VIGOTSKI, 2007; 2009), das especificidades da CA (CLOT, 2010), da análise dialógica do discurso (BRAIT, 2006) e dos elementos da análise da conversação (PRETI, 2001). Assim sendo, considerou-se os enunciados da IF na relação interlocutiva com os autoconfrontados, consigo mesma, com outros intervenientes e com os conhecimentos de CA e os que fizeram parte de sua formação por meio de estudos desenvolvidos no GP, tais como “atividade reguladora” (LIMA A, 2010) “reformulação do pensamento” (ARIATI, 2018), “acaloramento” do desejo de falar (DEMARCO, 2017), “sobredeterminatário” (CLOT, 2010; DESTRI; LIMA A; ALTHAUS, 2015) e “digressão” como atividade segunda para regular a atividade primeira (TOLDO, 2017). Tais conceitos estão mais explicitados na referida tese. Além disso, analisou-se o modo como os desenvolveu, as semelhanças e diferenças que poderiam ter com os enunciados dos formadores, ainda o que trouxe de novo em relação aos seus antecessores e, especialmente, como lidou com a principal diretriz da CA de não se colocar no lugar de especialista na atividade do agente. Diante disso, foi mobilizado alguns conceitos e ideias. Uma, é de que para “Vigotski [2007] e seus colaboradores, a alavanca da aprendizagem e desenvolvimento está associada às interações sociais mediadas pelo pensamento e pela linguagem” (ALTHAUS, 2019, p. 64). Portanto, os enunciados produzidos em CA são apreendidos socialmente, na interação com outros intervenientes, e fazem parte de um gênero, pois

a clínica da atividade é um instrumento de desenvolvimento do pensamento, origem potencial de um desenvolvimento da experiência. Mas ela necessita de uma aprendizagem: a apropriação de um gênero de atividades [...] que é como um “processo de interação formativa” [...] Trata-se de uma apropriação das obrigações dialógicas, fixadas pelo dispositivo, através da aparelhagem técnica e discursiva que permite acioná-lo (CLOT, 2010, p. 246).

4 As normas adotadas para transcrição são as seguintes: “()”, palavras não compreendidas; “(x)”, hipótese do que se ouve; “/”, truncamentos na fala; “XXX”, entonação na fala; “:”, prolongamento; “-”, silabação; “...”, pausa; “((x))”, comentários do transcritor; “-- x --”, digressão na sequência temática; “[”], sobreposição de vozes; “””, citações literais (PRETI, 2001).

Por isso, foram muitas as idas e vindas da teoria aos dados e vice-versa com a clareza que a última palavra nunca é dita (BAKHTIN, 2011); que a CA envolve um gênero de discurso que precisa ser apreendido para chegar a um estado de “habilidade genérica” (LIMA, A, 2016b); que as “vozes alheias” permeiam os enunciados do falante e podem ser estilizadas por ele (VOLÓCHINOV, 2017). Para tanto, a análise dos dados necessitou de um olhar imbuído do conceito de “análise dialógica do discurso” (BRAIT, 2006).

5 | ANÁLISE DE DADOS

Esta seção se refere ao capítulo quatro da tese aqui discutida, este foi desenvolvido em três tópicos (ALTHAUS, 2019, p. 70-119). No primeiro apresentou-se os dados por ordem cronológica, acompanhados de uma breve análise. No segundo, discutiu-se aspectos de acertos e deslizes da IF tendo por base as especificidades da CA. E, por fim, uma síntese.

A primeira participação da IF ocorreu como IA, em uma ACS realizada com o Professor Boaventura⁵ (PB), de Ciências contábeis (ALTHAUS, 2019, p. 70-74). Dessa ACS, selecionou-se dois trechos em que a IF lança questões ao PB.

No trecho um, onde o professor se analisa no vídeo fazendo uma correção de exercício no quadro e explica sobre isso, a IF pergunta sobre a importância de fazer no quadro ao invés de projetar uma planilha:

assim uma coisa que eu:: [...] é assim -- é claro que eu não estou muito inserida no contexto de Contábeis né? eu sou de Letras e a gen/ por ma/ -- falando em plani::lhas e Excel a correção do exercício em sala ocorreu no quadro né? qual é a importância de:: fazer essa correção no quadro ao invés DE projetar por exemplo uma planilha né? (ALTHAUS, 2019, p. 71).

Dessa maneira, a interveniente resgata o “já dito” pelo professor e ao mesmo tempo mantém a análise do que está sendo feito por ele no vídeo, isso o levou a revelar que há um problema com o coletivo que usa projeções de planilha. Chamou a atenção, também, o modo indireto que IF busca sua inserção, ela se sobrepôs a voz de IP como se “colasse” na outra como ponto de apoio, além disso, antes de fazer efetivamente a pergunta, a IF faz uma digressão explicando para si e para o professor que ela não é especialista na área de contábeis.

No trecho dois, IF questiona sobre a relação entre algo que o professor fez no vídeo (correção do exercício passo a passo) e algo que ele disse no início da sessão (sobre desenvolver o senso crítico do futuro Contador):

5 Nos dados da tese foram usados nomes fictícios para os professores, os alunos e também para os intervenientes, uma vez que esses últimos mudam de posição: ora são IA, ora são IP; além disso, na totalidade dos dados há mais de uma IA e mais de uma IP. Assim, o leitor que desejar consultar a tese verificará que a IF estudada é denominada de Interveniente Suzane (IS). Porém, aqui nesse material, tendo em vista uma apresentação breve, será usado apenas IF.

eh:: bem no começo você falou sobre:: essa nova exigência do mercado de um con/ de um de um de um:: contador com esse senso crítico... [...] isso ajudaria nessa evolução do senso crítico... esse passo a pa::sso esse exercício que foi contextualiza::do?... ou não você não vê relação?... (ALTHAUS, 2019, p. 71).

Nessa situação, sua pergunta apresenta uma estrutura semelhante aos enunciados emitidos anteriormente por seus formadores, investigando a “relação” entre dois eventos e usando o verbo no futuro do pretérito, que questiona sobre eventuais possibilidades, sem afirmá-las (ALTHAUS, 2019).

A segunda atuação de IF também foi em uma ACS e no papel de IA, com outro Professor de Contábeis, o Professor Cândido (PC), que fez dupla com PB (ALTHAUS, 2019, p. 74-78). Nesta, escolheu-se um excerto em que diante de um problema revelado pelo professor (sobre manter a atenção dos alunos por cinco aulas seguidas) a IF o questionou de modo direto e incisivo sobre ter “estratégias extras”: “é:: tem alguma estratégia que você utiliza para MANTER a atenção dos alunos CINCO aulas seguidas? por que realmente é MUITO cansativo né? independente da matéria” (ALTHAUS, 2019, p. 75). Apesar de IF ter lançado a questão, a continuidade da intervenção coube a IP. Em todo caso, essa situação conduziu PC a demonstrar em enunciados como estava afetado e desrealizado em sua atividade (com repetições de palavras, truncamentos, pausas, sobreposição de voz e o uso no diminutivo para descrever algumas estratégias suas durante as aulas). O afetamento surge da “defasagem conflitual entre o vivido e o vivendo” (CLOT, 2016, p. 93), e é manifestado por meio de emoções. É considerado a força motriz para as transformações no trabalho. E, ainda, no enunciado de IF foi possível identificar “vozes alheias” (BAKHITIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2017), “voz do interveniente que provoca, voz do ‘expert’ que avalia o trabalho do professor e voz do coletivo que sente o cansaço quando são cinco aulas seguidas da mesma matéria” (ALTHAUS, 2019, p. 78). Notou-se, também, que a IP foi influenciada pelo modo mais valorativo que a IF se colocou, pois, IP passou de uma condição mais neutra para menos (ALTHAUS, 2019).

A terceira participação, deu-se como IA em uma ACC, com PB e PC analisando a aula de PC (ALTHAUS, 2019, p. 78-79). Nesta, o modo de IF agir foi apenas observando a sessão, presencialmente e em silêncio.

A quarta, foi ainda como IA em uma ACS com o Professor Dermeval (PD) de Matemática (ALTHAUS, 2019, p. 79-81). Nesta, a IF entrevistou com uma participação bem maior que em sessões anteriores e de modo diferente. Emitiu vários enunciados de complemento, tanto a IP, quanto ao PD. Para analisar isso, optou-se por um excerto que inicia com o PD se visualizando no momento em que pergunta aos alunos “entenderam?” e ninguém responde, em sua análise se interroga sobre a validade desse tipo de questão. Então, IP inicia uma questão que busca explorar o “real da atividade” e IF sutilmente se lança em sobreposição a voz de IP, inicialmente de modo inaudível, e, continua até que toma a palavra para si e finaliza a questão de IP. Com isso, compreende-se que foi um

esforço de IF para se tornar interveniente apoiada na IP. Mediante a resposta do professor, IF passa a complementar a fala dele.

Na quinta sessão analisada, IF passa para o papel de IP (ALTHAUS, 2019, p. 81-84). Trata-se de uma ACS com o Aluno Breno (AB), do curso de Engenharia Mecânica, em aula de Equações Diferenciais Ordinárias, ministrada por um Professor do Departamento de Matemática, que participou de procedimentos do dispositivo. No trecho de aula AB aparece debruçado sobre a carteira e ergue o tronco no momento em que seu professor circula entre as carteiras, ao explicar sua atividade reconhece que estava dormindo. Na condução da autoconfrontação, a IF, no papel de IP, “oscila” entre ser interveniente e ser par de *expertise* do participante. A “oscilação” é um movimento de “atividade reguladora”, uma atividade segunda para regular a atividade primeira (LIMA A, 2010). A oscilação da interveniente, pode ter interferido na reação do participante, que apesar de ter demonstrando afetamento com a situação que viu de si mesmo no vídeo não verbalizou sobre seu real da atividade de discente, possivelmente, porque a interveniente o deixou à vontade para isso e, nessa ocasião, não explorou o “difícil de dizer”.

Na sexta atuação de IF em autoconfrontação, e segunda como IP, foi outra ACS, com a Aluna Aline (AA) em aula com o PD (ALTHAUS, 2019, p. 84-87). No vídeo, AA foi convidada por PD a ir ao quadro e resolver um exercício. Para analisar a atuação de IF nessa sessão, foram extraídos vários trechos que demonstram sua persistência em intervir. Inicialmente, AA disse que se sente constrangida em ir ao quadro e que não considera produtiva essa prática em sala de aula, pouco a pouco – com IF regulando melhor sua “oscilação” entre ser interveniente e ser especialista na atividade do participante –, houve uma reformulação no discurso de AA, que demonstra um movimento de seu pensamento e passa a verbalizar que para o coletivo – sobredestinatário – era bom ter a oportunidade de exercitar os cálculos indo ao quadro para os resolver durante a aula. Portanto, o reposicionamento de IF como interveniente indica que levou AA a repensar a atividade discente também.

A sétima participação de IF, ocorreu como IP em uma ACC com AB analisando a participação de AA, a respeito do momento em que ela foi ao quadro, junto com ela (ALTHAUS, 2019, p. 87-89). Desta sessão, optou-se por um trecho que representa a luta do interveniente para colocar o dispositivo em funcionamento. Inicialmente, AB foi convidado a assistir e explicar a atividade da colega, porém ele se engaja com AA em comentar a atividade do professor. Então, a interveniente os chama de volta para análise da atividade discente gravada em vídeo e tenta instaurar uma controvérsia ao pedir o ponto de vista de AB e resgatar o que AA havia colocado na ACS. AB diz que se fosse ele, no lugar de AA, não ficaria constrangido de ir ao quadro porque a turma é relativamente estável, diferente da turma dele em que os alunos são oriundos de vários cursos. Entretanto, nessa nova sessão e interlocução AA muda seu posicionamento, anteriormente, havia dito que para ela foi constrangedor e, nessa situação, passa a dizer que foi tranquilo, trazendo novos

argumentos para se colocar contra a ação de o aluno ir ao quadro. Nessa sessão, ainda se constata “oscilações” da IF quando, depois de perguntas assertivas do ponto de vista da CA, faz complementos que indicam a posição de especialistas na atividade analisada.

A oitava sessão analisada também foi uma ACC, com AA e AB, onde os papéis dos autoconfrontados se inverteram: AA foi convidada a assistir e explicar o vídeo de AB, que se encontrava debruçado dormindo sobre a carteira, na presença dele, para os dois serem levados pelos intervenientes a dialogarem (ALTHAUS, 2019, p. 89-93). Contudo, AB que na ACS havia ficado afetado, mas não assumiu o real da atividade, assim que o vídeo rodou, e antes que AA fizesse algum comentário, ele tomou a palavra e fez uma ressalva afirmando que naquele momento da aula não era conteúdo de prova. Em seguida começa a usar o celular para evitar o confronto com a colega, que tinha outra postura em sala de aula. A IF deu continuidade a sessão fazendo questões para AA sobre a atividade registrada no vídeo. AA, em suas respostas, tentou diversas vezes proteger o AB. À medida que a intervenção foi ocorrendo AB foi aos poucos deixando o celular e entrando na roda de diálogo até que a controvérsia se instaurou. Quanto à oscilação da interveniente, nessa sessão, parece ter diminuído.

Na segunda parte das análises, discutiu-se os dados de um ponto de vista mais teórico e transversal (ALTHAUS, 2019, p. 93-114). Com isso, onze pontos da atividade do interveniente foram levantados e debatidos, conforme segue descrição. A importância do papel da imitação na aprendizagem (VIGOTSKI, 2009) da função de interveniente. O risco de incorrer em recomendações na intervenção. A atuação do interveniente para levar o autoconfrontado a fazer reformulações. A emissão de juízos de valor – elogios/críticas – de maneira mais ou menos explícita. A perda da oportunidade de intervir quando necessário ou adequado. Situações em que, no lugar de permanecer neutra, agiu como *expert*. Situações em que a interveniente se coloca em relação simétrica com o participante em relação à área de análise. Situações criadas pela interveniente para que o sujeito da autoconfrontação acesse o seu real da atividade. Situações que afetam/emocionam os sujeitos. Ocorrências de situações de controvérsia. Situações em que IF traz o participante da autoconfrontação de volta à análise, quando ele se distancia de questões centrais.

Na terceira parte, fez-se uma síntese das análises (ALTHAUS, 2019, p. 114-119). Destacou-se que nas experiências de IF como auxiliar, ela buscou se inserir como interveniente de diferentes modos: ora “colando” sua fala a de IP como ponto de ancoragem; ora sobrepondo a voz de IP; ora por alternância de turno; ora por complemento a fala do outro; ora observando em silêncio. De todo modo, foi possível afirmar que:

Ela inicia com entradas indiretas e tímidas e vai alternando para posições mais incisivas [...] Desse modo, vislumbra-se um processo de transformação que se insere de forma tênue e vai criando consistência, marcando a passagem do papel de auxiliar para o de principal condutora do dispositivo (ALTHAUS, 2019, p. 116).

A partir da quinta participação da IF em autoconfrontação, ela passa a atuar como

IP e formadora de outra menos experiente que ela. Portanto, seu ponto de apoio não esteve mais presente e coube a ela assumir o trabalho como principal responsável pela condução das sessões. Nessa nova posição, pois não é uma mera continuidade, e sim uma nova relação interlocutiva, “há marcas discursivas do cuidado para não se colocar como *expert*” (ALTHAUS, 2019, p. 115), bem como, há ocorrências de “oscilações” entre se colocar como especialista na atividade do autoconfrontado e ser de fato interveniente em CA. Cabe ressaltar que:

o papel do interveniente é servir de suporte para instigar o sujeito que participa da autoconfrontação a entrar no processo de observar-se, de analisar e interpretar suas próprias ações e de identificar o real da atividade com o seu coletivo (ALTHAUS, 2019, p. 126).

As “oscilações” de IF demonstra a complexidade que é para se tornar interveniente. A “oscilação” é um fenômeno denominado por Lima A (2010) como “atividade reguladora”, que corresponde a um movimento em que o sujeito falante oscila entre opostos contraditórios de sua ação/atividade. Essas oscilações se apresentaram em proporção maior na primeira experiência da IF como IP, e foram, gradativamente, diminuindo conforme foi ampliando suas experiências de prática em autoconfrontação e de retomadas de estudos teóricos e de análises dos dados já produzidos, entre as sessões, portanto de desenvolvimento de seu próprio “real da atividade”. Além disso, evidenciou-se que a IF conseguiu mobilizar junto aos participantes da autoconfrontação conceitos da CA – como real da atividade, afetamento, tomada de consciência, controvérsia –, e de estudos do GP – reformulação, acaloramento, sobredestinatário, digressão como atividade reguladora. E, ainda, chamou a atenção que IF estruturou e usou com uma grande frequência o enunciado “como você vê?”, com o verbo *ver* conjugado no presente, portanto, no “vivendo”, para convocar o sujeito a verbalizar “como está vendo/observando” sua atividade. Isso remete a questão de que, com base em Canguilhem, Clot afirma o seguinte: “em uma perspectiva desenvolvimental, a clínica não deve ter o vivido como finalidade, mas como meio para viver outra coisa [...] lhe conferir o estatuto de meio para permanecer vivendo” (2016, p. 92).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto, retomou-se os objetivos da pesquisa, as temáticas desenvolvidas em cada capítulo e os resultados das análises e, especialmente, as especificidades da formação da interveniente e os modos de aprendizagem dessa função (ALTHAUS, 2019, p. 120-126).

Destacou-se que, entre acertos e deslizos da IF, houve desenvolvimento, que possibilitou se tornar interveniente, alguns indícios podem ser apontados, por exemplo: aceitar o desafio de passar de IA para IP; a regulação da “oscilação” entre a atividade de interveniente e a de *expert*; os resultados clínicos que obteve levando os autoconfrontados

a fazer reformulações, demonstrar o afetamento, identificar o real da atividade. Isso pode ser melhor compreendido pela análise realizada sobre o juízo de valor emitido nos enunciados de IF, pois em algumas situações fez questões mais valorativas e os sujeitos ficaram na defensiva, em outras, foi pouco valorativa e não obteve êxito, já em momentos que regulou essa condição alcançou efeitos desejados em CA. Portanto, concluiu-se que “é preciso balizar/regular/balancear o juízo de valor para que ele tenha um alcance provocativo, o que só pode ser feito considerando cada relação interlocutiva, e sem ser impositivo ao sujeito da autoconfrontação” (ALTHAUS, 2019, p. 124).

Um aspecto, constatado na formação de interveniente é a necessidade de uma passagem suave e segura entre ser IA e IP, com um par mais experiente considerando o conceito de ZDP (VYGOTSKI, 2007). No caso estudado, a IF participou de uma etapa em que foi IA com um par mais experiente e outra em que foi IP e formadora de outra interveniente. Em suma, para a formação ideal:

na primeira etapa a mais experiente seria IP e a iniciante IA, na segunda etapa os papéis inverter-se-iam, de modo que IF conduzisse a autoconfrontação com o suporte da mais experiente presente. Na terceira etapa, a IF, já com um arcabouço ampliado de experiência, iria ser IP com uma iniciante no papel de IA (ALTHAUS, 2019, p. 123).

Outro aspecto é que o dispositivo de formação levou em conta o apontamento de Clot (2008) de que é preciso “instrumentos” para ser interveniente, dentre eles os “conceitos” e a “experiência”. No caso estudado, os dois instrumentos foram viabilizados, como já apontado na sessão quatro, e notou-se a importância de a formação de interveniente estar vinculada à formação acadêmica/científica.

Além disso, há o aspecto de que a tese contribuiu para o desenvolvimento da atividade pedagógica da autora, que mudou a posição de atuação junto aos professores. Deixando de ser a especialista na atividade docente, que promove formação docente continuada, para a de interveniente em CA, que oportuniza aos professores o desenvolvimento de suas práticas docentes.

E, ainda, um aspecto que não foi explorado na ocasião da escrita da tese é sobre o “real da atividade” do interveniente. Considerou-se que, embora tenha havido momentos, após cada etapa da intervenção, em que os intervenientes da ação se reuniam para discutir o que tinha sido feito e o que poderia ser diferente, bem como se reuniam com GP para compartilhar e discutir o andamento da intervenção, esses momentos não foram gravados em áudio e nem vídeo, e por isso não fizeram parte de dados analisados diretamente. Contudo, este trabalho de apresentação da tese permite vislumbrar que o “real da atividade” do interveniente pode ser acessado indiretamente nos dados das sessões analisadas. Antes de retomar alguns exemplos cabe lembrar o conceito de real de atividade:

o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem-sucedido – o drama dos fracassos – o que se desejaria ou poderia ter feito e o que se pensa ser capaz de fazer noutro lugar. E convém acrescentar – paradoxo frequente – o que se faz para evitar fazer o que deve

É importante recordar que esse conceito de “real da atividade” foi desenvolvido a partir dos conceitos ergonômicos de “trabalho prescrito” e “trabalho realizado”. A “prescrição” é da ordem das regras e regulamentações, o “realizado” é o que se faz de fato e que fica gravado no vídeo. No entanto, há um distanciamento entre a prescrição e a atividade realizada, pois existem diferentes modos de fazer algo, que é o “real da atividade” (CLOT, 2010). No caso estudado, têm-se as orientações, “prescrições”, da CA sobre os procedimentos a serem realizados na intervenção e nas autoconfrontações realizadas, gravadas, transcritas e analisadas têm-se os registros do que de fato foi “realizado”. Sendo, portanto, possível analisar o distanciamento entre as orientações e o realizado pela IF.

Além disso, o conceito de “real de atividade” foi desenvolvido ancorado na afirmação de que “cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas” (VIGOTSKI, 1996, p. 69), assim a CA considera que o vivido – atividade realizada – é apenas uma das infinitas possibilidades de realizar uma atividade.

Sem perder de vista que o ideal seria que fosse gravado a IF sendo autoconfrontada com sua ação, mesmo assim sendo está pesquisadora um par de IF e com base na “leitura transversal” (ALTHAUS, 2019, p. 93-114) dos dados em relação às especificidades da CA, é possível identificar algumas possibilidades não realizadas nas intervenções estudadas e citar alguns exemplos de acesso indireto ao real da atividade da interveniente por meio dos dados apresentados, tais como:

1º) a realização de autoconfrontações com os alunos dos professores que participaram dos procedimentos clínicos porque as intervenientes em formação, alunas de iniciação científica, não se sentiam à vontade para conduzir as sessões com os professores de graduação (ARIATI, 2018; ALTHAUS, 2019). Isso remete a ideia do que “se faz para evitar o que deve ser feito” (CLOT, 2010, p. 104);

2º) os deslizos para a posição de *expertise* ao invés de ser interveniente denotam (ALTHAUS, 2019, p. 93-114) “o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem-sucedido” (CLOT, 2010, p. 103);

3º) os modos diferentes de intervir de uma sessão para outra (ALTHAUS, 2019, p. 70-93), indicam que entre uma autoconfrontação e outra houve reformulações na formação da interveniente do que se “desejaria ou poderia ter feito e o que se pensa ser capaz de fazer em outro lugar” (CLOT, 2010, p. 104);

4º) as especificidades da CA em paralelo com o que de fato foi realizado pelas intervenientes, tal como analisado no item 4.2 da tese (ALTHAUS, 2019, p. 93-114), onde se discutiu os dados transversalmente, permitem acessar o que foi de fato realizado e também “o que não se fez [...] o que deve ser feito” (CLOT, 2010, p. 103-104).

Por fim, concluiu-se que:

Para ser interveniente é necessário passar por uma formação adequada, esse estudo de caso permite afirmar que uma maneira é com leituras da área, transcrições e análises de sessões anteriores e iniciar a prática de intervenção como auxiliar de um par mais experiente até se tornar a principal condutora do dispositivo clínico (ALTHAUS, 2019, p. 126).

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, Dalvane. **Complexidade e Relevância de um Gesto Profissional Docente Aparentemente Simples**. 2013, 200 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2013. Disponível em < http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/755/1/PB_PPGDR_M_Althaus%2c%20Dalvane_2013.pdf > Acesso em 31 de jan de 2020.

_____. **Aspectos da formação e do papel do interveniente na Clínica da Atividade**: um estudo de caso em situação de autoconfrontação. 1 recurso online 2019, (163 p.). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2019. Disponível em < http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/335042/1/Althaus_Dalvane_D.pdf > Acesso em 31 de jan de 2020.

_____; Banks-Leite, Luci. *O interveniente em clínica da atividade: considerações sobre seu papel e sua formação*. **Horizontes**, V. 35, n. 3, p. 121-132, 2017.

ARIATI, Solange. **A reformulação dialógica de enunciados em situação de autoconfrontação**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português-Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENDASSOLLI, Pedro F.; GONDIM, Sonia M. G. Projeto de cientificidade das clínicas do trabalho e seus desafios no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho. In: _____. (orgs.). **Métodos de pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014, p. 3-31.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

CLOT, Yves. De l'analyse des pratiques au développement des métiers, **Éducation et didactique** [En ligne], vol 1 - n°1, avril, 2007. Disponível em <<http://journals.openedition.org/educationdidactique/106>>. Acesso em 08 mai 2018.

_____. La recherche fondamentale de terrain: une troisième voie. **Education Permanente**, vol 4, n. 177, p. 67-79, 2008.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

_____. Clínica do Trabalho e clínica da atividade. In: Bendassolli, Pedro F.; Soboll, Lis A. (orgs.). **Clínicas do Trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011, p. 71-83.

_____. A interfuncionalidade dos afetos, das emoções e dos sentimentos: o poder de ser afetado e o poder de agir. Trad. Luci Banks-Leite. In: Banks-Leite, Luci; Smolka, Ana L. e Anjos, Daniela D. (org.) **Diálogos na perspectiva histórico-cultural**: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado das Letras, 2016, p. 87-95.

_____. Clínica da Atividade. Tradução Suélen Maria Rocha e Emily Carolina da Silva. **Horizontes**. v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez, 2017. Disponível em <<http://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/526/239>> Acesso em 16 ago. 2018.

CLOT, Y.; LEPLAT, J. La méthode clinique em ergonomie et em psychologie du travail. **Le travail humain**. Paris: Presses Universitaires de France, vol. 68, n. 4, p. 289-316, 2005.

CONCEIÇÃO, Cristiane L. da; ROSA, Roberta P. F. da; OSÓRIO, Claudia. A clínica da atividade no Brasil: por uma outra psicologia do trabalho. **Horizontes**. v. 35, n. 3, p. 23-37, set./dez, 2017.

DEMARCO, Teresa Raquel Conte. **Funções Linguístico-Psicológicas do Assalto ao Turno em Situação de Autoconfrontação Cruzada**: o trabalho docente em foco. 2017 Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

DESTRI, Alana; LIMA, Anselmo; ALTHAUS, Dalvane. Elementos sobre o destinatário de emergência em situação de autoconfrontação. **Querubim**, Ano 11, Nº 26, vol. Esp, p. 4-10, 2015.

FAÏTA, Daniel. Entrevista: De l'enseignement de la linguistique générale à l'analyse du travail enseignant. Entrevistadoras: Daniela Anjos e Ermelinda Barricelli. **Horizontes**, V. 35, n. 3, p. 8-17, 2017.

LIMA, Anselmo P. **Visitas Técnicas**: interação escola-empresa. Curitiba: CRV, 2010.

_____. Clínica da Atividade Docente. **Blog Clínica da Atividade Docente**. 2016a. Disponível em: <<http://formacoesaudeprofessor.com/2016/03/28/clinica-da-atividade-docente-uma-proposta-de-formacao-continuada-e-de-promocao-da-saude-do-professor-no-trabalho>> Acesso em 07 de fev de 2017.

_____. Da inabilidade à habilidade genérica: um processo gradual de formação e domínio de gêneros do discurso. In: LOUSADA, Eliane; et al. (org.). **Diálogos brasileiros no estudo de gêneros textuais/discursivos**. Araraquara: Letraria, 2016b, p. 255-266.

LIMA, Maria Elizabeth A.; BATISTA, Matilde Agero. O papel do *expert/especialista* versus *Clínico/intervenante* em clínica da atividade – afinal quem analisa a atividade de trabalho? In: BANKS-LEITE, Luci; SMOLKA, Ana L. e ANJOS, Daniela D. (org.) **Diálogos na perspectiva histórico-cultural**: interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado das Letras, 2016, p. 113-129.

PRETI, Dino. (org.). **Análise de textos orais**. 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

SANTOS, Clarice D. da S. **Práticas pedagógicas**: um olhar a partir da clínica da atividade. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, Antônio (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 79-92.

TOLDO, Letícia Cristina. **A função reguladora do fenômeno da digressão em situação de autoconfrontação simples**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Português-Inglês) - Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

VIGOTSKI, Lev. S. **Teoria e método em psicologia**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et al. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise fatorial 131, 132, 134, 135, 136, 138, 143

Apl 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Arquitetura ribeirinha 157, 160, 168, 169

Arte 3, 43, 45, 95, 98, 99, 106, 174, 182, 185, 188, 189, 190, 191, 228, 229, 233, 237, 238, 240

Autocomposição 193, 194, 195, 198, 201, 202, 203, 225

Autoconfrontação 204, 205, 206, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221

B

Barreiras 2, 3, 6, 11, 12, 17, 187, 189, 235

C

Características socioeconômicas 2

Casa das rosas 171, 173, 181

Clínica da atividade 204, 207, 212, 220, 221

Conciliação 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 223

Conflitos 2, 4, 46, 48, 50, 51, 52, 102, 115, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 222, 223, 224, 225, 229, 232

Cracolândia 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117

D

Dependência química 107, 108, 114, 116, 117

Discurso 67, 85, 133, 183, 187, 206, 208, 209, 212, 213, 215, 220, 221, 233, 238, 239, 240, 242

Disney world 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

E

Ebit 30, 31, 32, 35, 37, 38, 39, 40

Educação 3, 4, 5, 6, 7, 6, 10, 82, 96, 102, 105, 106, 112, 121, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 141, 145, 146, 147, 150, 155, 156, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 191, 204, 205, 206, 209, 220, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 237, 246, 247, 251, 261

Educação patrimonial 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Empreendedorismo feminino 1, 2, 3, 5, 7, 8, 11, 12, 13

Endividamento 11, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Ensino superior 7, 9, 11, 15, 97, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 205, 206, 212

Estado da arte 43, 45, 98, 99, 106

Estratégia competitiva 55, 56, 59

Eventos sustentáveis 65, 73, 75

Exclusão social 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109

F

Fabricação digital 157, 159, 165, 169

G

Gênero 6, 7, 8, 9, 86, 97, 104, 172, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 209, 212, 213, 229

Gestão de pessoas 43, 44, 45, 46, 48, 51, 52

Gestão de projetos 46

H

História da enfermagem 245

I

Impactos sustentáveis 65, 68

Incubadora 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28

Indústria de eventos 65, 68, 73

Indústria têxtil 55

J

Justiça restaurativa 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

L

Lgbt 233

Liminaridade 184, 185, 186, 187, 191

Liquidez 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 135, 184, 235

M

Mapeamento 81, 85, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 118

Marketing 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 57, 64, 71, 72, 74, 75, 82, 83, 144, 235, 262

Modelagem de equações estruturais 131, 132, 138, 139, 141, 143

Mudanças sociais 82, 119, 120, 121, 122, 127

P

Pedagogia jurídica 119

Performance 49, 50, 56, 76, 184, 185, 190, 191, 204

Pessoas em situação de rua 101, 107, 108, 111, 112

Política 84, 88, 91, 94, 101, 102, 103, 105, 108, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 126, 135, 136, 182, 184, 189, 190, 203, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241

Prototipagem rápida 157, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 168

R

Rádio 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 235

Rentabilidade 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41

S

See now buy now 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

Sexualidade 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Sobrevivência 21, 25, 29, 57, 73, 145, 149, 151, 153, 155, 156, 255, 256, 263, 265, 266, 271

Socialização 87, 88, 89, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 190, 228

Startup 14, 15, 19

Sustentabilidade 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

T

Turismo cultural 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

V

Variável latente 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Y

Youtuber 233, 235, 238, 240, 242

Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020